

Economia-Brasil

economia@jb.com.br

Furtado alerta para tensão social

Economista pede controle cambial e mais emprego

CRISTINA BORGES

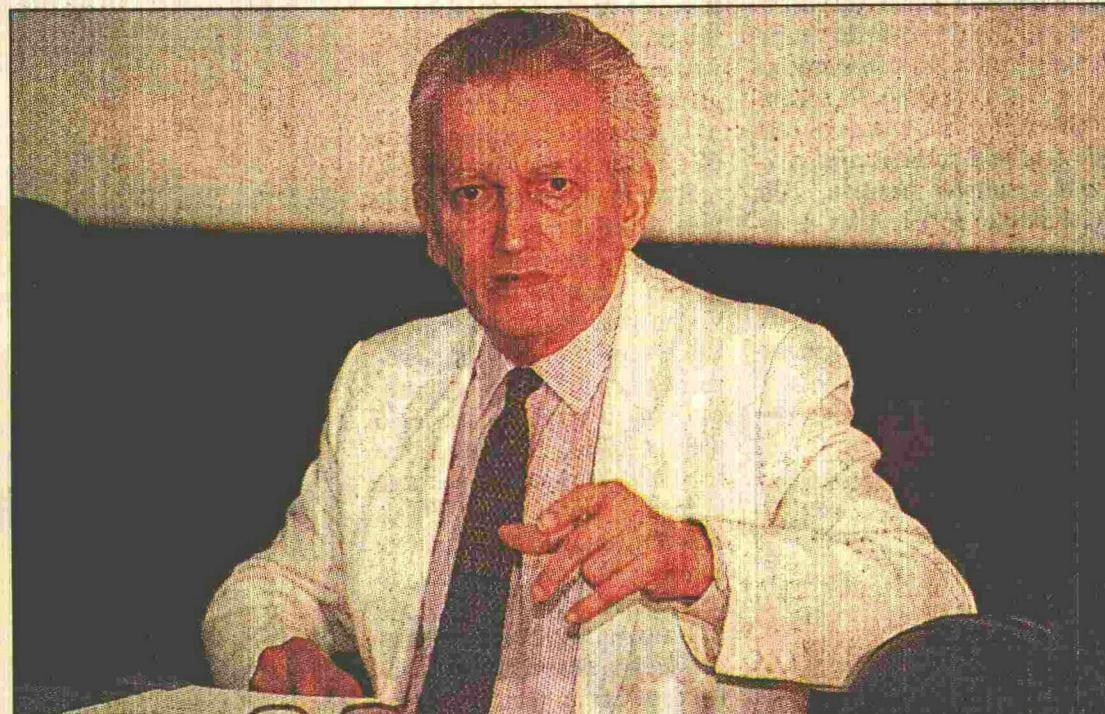
O economista Celso Furtado avalia que é impossível conciliar políticas de estabilidade econômica e de desenvolvimento. O confronto pode criar uma tensão social muito grande, movida pelo desemprego e pela falência dos estados. O ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, deposto pelo golpe militar em 1964, alerta que a democracia está ameaçada. "O país caminha claramente para uma tensão social crescente".

Ele torce para um desfecho no campo democrático para que a alternativa não seja a do fascismo.

Como saída, Celso Furtado propõe o fortalecimento do mercado interno, ainda que à custa de inflação para combater o desemprego. Ele defende um sistema econômico nacional, importações seletivas e controle cambial. Furtado revelou que o presidente Fernando Henrique já estaria refletindo sobre mudar a política econômica.

Aos 79 anos, morando em Paris, Furtado revelou-se otimista em relação ao Brasil, mas o mesmo não pôde dizer em relação à sociedade brasileira. Na abertura do seminário *Desenvolvimento: o fato e o mito*, ontem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), ele destacou que a globalização em países heterogêneos, como o Brasil, resulta no esvaziamento do poder de governar dos Estados diante do comando assumido pelos conglomerados transnacionais. A seguir, os principais trechos da entrevista.

MERCADO INTERNO — "Precisamos de uma política de desenvolvimento que valorize o mercado interno, a partir de um sistema de importações seletivas. O Brasil se



Samuel Martins

Furtado: "O Brasil não decide mais por conta própria. Abdicou ao FMI as decisões estratégicas."

meteu num liberalismo descabelado e quer voltar atrás, só que o terreno que perdeu não é facilmente recuperável."

DESEMPREGO E INFLAÇÃO — "Num plebiscito no Brasil, quais seriam os parâmetros mais importantes? Todo mundo dirá: criação de emprego que, na realidade, é o inverso da política atual. Em segundo lugar, criação de um sistema produtivo integrado para poder andar por conta própria. Em um sistema industrial desarticulado, terceirizado, ligado às transacionais, não é possível atuar sobre ele porque a sua lógica são os interesses das empresas. Qual seria a resposta do povo brasileiro: você prefere o desemprego ou um certo grau de inflação? Quando eu fiz o Plano Trienal, o Brasil estava com inflação de 30%, por ano, propus reduzi-la a 10%. Nunca me passou pela cabeça fazer zero de inflação."

CÂMBIO — "Uma política cambial implica no controle seletivo de im-

portações e, portanto, no controle cambial. Sendo algo escasso, o câmbio tem que ser administrado pelo critério social e não pelo mercado, senão cai na especulação, como atualmente. O Brasil não precisa atrair capital estrangeiro indiscriminadamente. A verdade é que quando se capta capital estrangeiro, está se alienando a capacidade de decisão. O controle de câmbio pode se tornar inevitável num governo novo que venha com vontade de botar ordem na casa, como fez a Malásia.

DEMOCRACIA — "O Brasil caminha para uma tensão social crescente com mudanças desconhecidas. A gente fica desejando que elas sejam no campo democrático, por exemplo, com uma nova eleição. É isso ou então o fascismo, uma volta ao passado, os militares tomam conta do poder e põem ordem na casa. O que está ameaçado é a democracia. Eu tenho a impressão que a situação vai se degradar até o fim do governo atual. A situação é complexa, difícil. Depende de estadismo. E o

Brasil perdeu a capacidade de decisão por conta própria, abdicando ao FMI as decisões estratégicas."

DÍVIDA EXTERNA — "Quando é que se viu um país programar um endividamento externo permanente e progressivo como o Brasil para não crescer? O programa do FMI é o Brasil decrescer."

MERCADO FINANCEIRO — "Há uma racionalidade dos mercados, mas tem outra racionalidade, a social, que parte da idéia do interesse comum. Se eu pensar no Brasil como um todo, o mercado tem que ser adaptado a isso. O mercado é fundamental, mas não para estabelecer estratégia de desenvolvimento, porque ele tem prioridades que não são as nossas."

DESENVOLVIMENTISMO — "A briga entre as duas correntes pode ficar ainda mais acirrada. Eu tenho a impressão que o governo federal procurará se adaptar para sobreviver. O presidente já está convencido de que avançou demais numa direção que é um beco sem saída."

Modelo é criticado

MAIR PENA NETO

da e não de chegada. Estabilidade é um patamar para se construir um projeto de nação".

Para o embaixador brasileiro, esse projeto tem que partir de dois processos de integração: com o próprio país e com o mundo. "Primeiro, temos que nos integrar a nós mesmos. Integrar ao mercado interno as massas que não participam da economia", pregou, ressaltando que já existem as condições objetivas para isso. "Um estudo recente do Ipea mostra que o Brasil já atingiu um patamar para combater a pobreza. O governo gasta 15% do PIB com programas sociais, quando um terço disso já seria suficiente para acabar com a pobreza, apenas com políticas compensatórias, sem mexer na distribuição da riqueza".

Investimentos — Ricupero defendeu que o Brasil desenhe uma política de investimentos produtivos. "Os investimentos aumentaram exponencialmente nos últimos três anos, mas foram para setores que nada acrescentam à capacidade de exportação. Ao contrário, foram investimentos que pesaram na balança. As remessas para o exterior passaram de US\$ 700 milhões para US\$ 7,7 bilhões".

Ricupero destacou ainda que os investimentos externos estão vindo para fusões e aquisições, muitas vezes de empresas brasileiras eficientes e exportadoras,

"reduzindo a pesquisa e o desenvolvimento, que as matrizes concentram em seus países". O embaixador condenou também os recursos atraídos pelas taxas de juros e defendeu o controle dos fluxos de curto prazo. "Seja na entrada ou na saída, como fez a Malásia".